

educomunicação como ferramenta: apoio aos coletivos de emergência climática

edukommunikation as a tool: support for climate emergency collectives

Leslie Beatrice Diorio

Jornalista e Mestranda em Ciências da Comunicação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)
São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2031-3102>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17458524>

Resumo: O tema emergência climática vem ganhando cada vez mais importância no cenário brasileiro e mundial. Em tempos de infodemia e desinformação, a educomunicação surge como estratégia potente para o engajamento e a disseminação de conteúdos críticos. Coletivos atuantes em territórios vulneráveis têm assumido um papel fundamental ao traduzir, contextualizar e dialogar sobre os impactos das mudanças climáticas junto às comunidades que mais as vivenciam. Dois coletivos citados neste artigo são objeto de pesquisa da dissertação desta autora, prevista para ser apresentada até o final de 2025. Este artigo tem como base uma pesquisa bibliográfica e exploratória, de autores referência da educomunicação e da comunicação popular, e traz também experiências concretas de coletivos atuantes. O objetivo é refletir sobre o papel da educomunicação na formação do pensamento crítico e no fortalecimento da ação comunitária frente à crise climática.

Palavra-chave: (1) Emergência climática; (2) Comunicação; (3) Educação; (4) Educomunicação; (5) Comunidades.

Abstract: The theme of the climate emergency has been gaining increasing importance in both the Brazilian and global contexts. In times of infodemic and misinformation, edukommunikation emerges as a powerful strategy for engagement and the dissemination of critical content. Collectives active in vulnerable territories have assumed a fundamental role in translating, contextualizing, and fostering dialogue about the impacts of climate change within the communities that experience them most intensely. Two collectives mentioned in this article are the focus of the author's master's research, expected to be presented by the end of 2025. This article is based on bibliographic and exploratory research drawing from key authors in edukommunikation and popular communication, as well as concrete experiences from active collectives. Its objective is to reflect on the role of edukommunikation in shaping critical thinking and strengthening community action in response to the climate crisis.

Keywords: (1) Climate emergency; (2) Communication; (3) Education; (4) Educommunication; (5) Communities.

Introdução

A emergência climática tem se consolidado como um dos maiores problemas globais do século XXI, não apenas pelos seus impactos ambientais, mas também por suas consequências sociais, econômicas e comunicacionais. O relatório *State of the Global Climate 2023*, da Organização Meteorológica Mundial (WMO), revelou que o ano foi o mais quente já registrado, com recordes alarmantes de concentração de gases de efeito estufa, acidificação dos oceanos e derretimento de geleiras (WMO 2024). Paralelamente, o *Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas* (IPCC) tem alertado que os efeitos da crise climática atingem de maneira desproporcional as populações mais pobres, periféricas e racializadas, escancarando o caráter desigual dessa emergência e fortalecendo a urgência de um enfoque baseado na justiça climática.

Por conta disso, e mais especificamente no Brasil, o aumento do interesse sobre temas relacionados às mudanças climáticas tem sido impulsionado por desastres recentes como inundações, incêndios e secas extremas atribuídos por cientistas à ação humana. No entanto, mesmo com conteúdo à disposição, a grande maioria da população brasileira ainda não consegue compreender o tema.

O que já sabemos

Uma pesquisa realizada pelo *Instituto Datafolha*, em parceria com a empresa Tereos (2025), indicou que 34% dos brasileiros não sabem o que são mudanças climáticas. Segundo o levantamento, 7% da população se diz desinformada sobre o tema sendo que nas classes D e E este percentual é de 54%. Os números podem parecer espantosos, mas são justificados já que a comunicação de temas relacionados às mudanças climáticas tem sido um dos grandes desafios deste século.

A produção de informações científicas sobre o tema e a forma como elas são comunicadas, compreendidas e apropriadas pelas comunidades são de grande importância para que o debate aconteça. No entanto, o que tem se observado é que a crise climática também se tornou uma crise de linguagem, de percepção e de participação.

A discussão sobre o assunto não causa mobilização suficiente e nem provoca o senso de urgência necessário para que transformações realmente ocorram. Para Foer (2020), existe uma comoção momentânea da sociedade, em especial, diante de grandes desastres naturais que geram destruição, mortes e perda de bens materiais.

Temos consciência de seus riscos existenciais e sua urgência, mas, mesmo sabendo que está acontecendo uma guerra por nossa sobrevivência, não nos sentimos imersos nela (FOER 2020: 12).

Em outras palavras, a quantidade de informações também tem o potencial de desinformar. O conteúdo está disponível e as pessoas o acessam de forma rápida. No entanto, o pensamento crítico nunca foi tão necessário para poder separar o que é verdadeiro e falso. Em um contexto focado em populações mais vulneráveis, que estão expostas aos impactos das mudanças climáticas, mas nem sempre conseguem fazer a ligação com o seu cotidiano, é fundamental o uso do diálogo e da comunicação como prática emancipadora. É o que Kaplun (1997) esclarece quando afirma que comunicar é construir sentido coletivamente. Brianezi e Tate (2025) concordam e reforçam que a superação das concepções economicistas de desenvolvimento deve caminhar junto ao rompimento da visão instrumental da comunicação, abrindo espaço para práticas mais dialógicas e participativas. Assim, é necessário recorrer a abordagens pedagógicas que favoreçam o pensamento crítico e a autonomia dos sujeitos. A proposta de Paulo Freire (1983) se mostra especialmente pertinente ao propor *“uma educação para decisão, para responsabilidade social e política”* (FREIRE 1983: 12).

Diante deste cenário, este artigo se propõe a refletir sobre a importância da educomunicação como prática pedagógica e comunicacional que pode contribuir para o engajamento social, a construção da consciência crítica e a ampliação do conhecimento sobre emergência climática nos territórios vulnerabilizados. Para isso, será apresentada uma pesquisa bibliográfica e exploratória que articula os campos da comunicação, educação e crise climática, com destaque para experiências de coletivos que atuam em comunidades periféricas. Este artigo pretende ser uma reflexão preliminar da pesquisa, ainda em desenvolvimento, feita por esta autora para a sua dissertação de mestrado O profissional de comunicação como educador: o diálogo entre os coletivos de emergência climática e a sociedade brasileira, prevista para ser apresentada em novembro de 2025.

Coletivos: comunicação para educar

Kunsch (2009) defende que a comunicação em momentos como o da sociedade atual, quando urge a necessidade de convergência de atitudes para minimizar e até mesmo evitar impactos negativos gerados pela emergência climática, deve ser compreendida como uma prática estratégica e compartilhada entre diversos setores da sociedade, fundamental para a construção de um futuro sustentável. Para ela,

Somente com a comunicação será possível conscientizar a população em geral, os governos, a iniciativa privada e os segmentos representativos da sociedade civil de que o atendimento às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro é uma tarefa de toda a

sociedade mundial e não só de uma pessoa, de uma só organização ou de um só país (KUNSCH 2009: 70).

Este pensamento ganha ainda mais força quando se trata do uso da comunicação como estratégia de disseminação de conhecimento e educação ambiental. Neste caso, é fundamental estar próximo das pessoas que vivenciam, no cotidiano, os impactos da emergência climática. Essa escuta ativa e situada pode representar uma saída concreta diante do caos gerado pelo excesso de informações e pela desinformação. Peruzzo (2024) afirma que os conceitos trazidos por Paulo Freire — que não era um estudioso da comunicação enquanto área de conhecimento — podem muito bem ser aplicados à teoria da comunicação e à comunicação horizontal transformadora. Para ela,

A comunicação popular, ou Comunicação Popular, Comunitária ou Alternativa, como expressão de uma comunicação de resistência desde suas origens práticas e teorizações incorporou conceitos de Freire, dentro de uma linha de comunicação libertadora, em analogia à educação libertadora, defendida pelo autor que tanto apregoeou a necessidade de uma educação humanizadora, democrática e transformadora (PERUZZO 2024: 21).

Ou seja, apenas “depositar” informações — fazendo uma alusão ao modelo de “educação bancária” criticado por Paulo Freire (1983) no qual o emissor entrega informações para sujeitos passivos, sem escuta nem diálogo — por meio de redes digitais ou até mesmo da imprensa no dia a dia das populações que mais sofrem com os efeitos das mudanças climáticas pode não ser tão efetivo para estimular o debate e o questionamento necessário para que as transformações aconteçam.

A pedagogia crítica proposta por Paulo Freire (1983) constitui uma base teórica essencial para pensar a comunicação como prática de liberdade. Ao criticar o modelo de “educação bancária”, Freire propõe uma educação problematizadora, baseada no diálogo, na escuta e na valorização da experiência dos sujeitos. Essa perspectiva encontra ressonância na educomunicação — campo de interface entre comunicação e educação que busca criar ambientes comunicativos mais democráticos e participativos, valorizando a escuta, o diálogo e o protagonismo social (SOARES 2011). A educomunicação passa a ser, portanto, entendida como uma estratégia que rompe com o modelo vertical de transmissão de informação e estimula a construção coletiva do conhecimento a partir do território.

Em consonância com esse pensamento, Brianezi & Tate (2025) afirmam que a educomunicação se consolida como uma epistemologia do Sul, pois contribui para uma ruptura paradigmática na comunicação, ao promover práticas decoloniais guiadas por valores como o bem viver, a ancestralidade e a justiça climática. Essas práticas desafiam a lógica hegemônica da

comunicação instrumental e apontam para uma comunicação dialógica, situada e transformadora. Nesse sentido, a educomunicação ultrapassa os limites da dimensão técnica e passa a ser compreendida como um ato político e pedagógico, que reconhece os sujeitos como produtores de saber e participantes ativos na disputa por narrativas, sentidos e futuros possíveis.

Os coletivos com foco em emergência climática são considerados expressões contemporâneas da comunicação popular. Em sintonia com as realidades locais, eles ajudam a promover o pensamento crítico, o diálogo com a participação e direito à palavra. Ou seja, comunicam para transformar (PERUZZO 2024).

A educomunicação tem sido uma das principais abordagens estratégicas usada por esses movimentos no intuito de promover o debate dentro das comunidades. É através das estratégias educacionais que os coletivos têm conseguido trabalhar aspectos de cidadania envolvendo temas relacionados à emergência climática.

Tanto a educomunicação quanto a educação ambiental crítica pressupõem a criação de ecossistemas comunicativos [...] pautados por uma pedagogia que estimula a criação de espaços de convivência [...], numa relação de simbiose dinâmica entre saberes (BRIANEZI & GATTÁS 2023: 39).

Sob este aspecto, pode-se afirmar que a comunicação usada pelos coletivos está em linha não apenas com sua função principal de transmitir informações, mas, e principalmente, com a construção de um sentido coletivo. Para Káplun (1997) a comunicação deveria ajudar o povo a interpretar o mundo e transformá-lo, nunca a se conformar com ele.

Comunicar não é transmitir, é compartilhar. A verdadeira comunicação não se faz com um emissor que impõe, mas com sujeitos que constroem juntos (KAPLÚN 1997: 16).

Essa concepção está em linha com os princípios da educomunicação e da pedagogia freiriana pois valoriza o diálogo, a escuta ativa e o protagonismo de quem recebe a informação. No contexto da emergência climática, essa é uma abordagem que favorece o engajamento comunitário e a mobilização por meio da comunicação popular.

A educomunicação apresenta um potencial excepcional para comunicadores ambientais, especialmente aqueles que atuam na interseção entre educação e comunicação sobre mudanças climáticas (BRIANEZI & TATE 2025: 6) [Tradução nossa].

***Tapajós de Fato:*
educomunicação na Amazônia como resistência e denúncia**

É o que faz o coletivo *Tapajós de Fato*, com sede no Pará. Consolidado como coletivo em 2022, o movimento tem trabalhado com a comunicação popular para fortalecer as populações ribeirinhas e comunidades tradicionais que estão na linha de frente com grandes empreendimentos como portos, hidrelétricas e mineradoras. Por meio de materiais educativos, campanhas e oficinas, sua atuação tem sido fundamental no engajamento crítico da população frente às ameaças ambientais.

***Viração:*
educomunicação com juventudes urbanas e periféricas**

Na região Sudeste, o coletivo *Viração* - que atua em São Paulo e outras capitais, desde 2003 — também é um bom exemplo de práticas educacionais voltadas para jovens e adolescentes de territórios periféricos. Com foco em temas socioambientais e de direitos humanos, a organização tem o objetivo de formar jovens comunicadores capazes de levar estes assuntos para as comunidades em que vivem colocando em evidência uma dimensão urbana e juvenil da educação em contraste com a perspectiva territorial comunitária do *Tapajós de Fato*. Isso mostra a amplitude dos atores e estratégias engajadas na emergência climática no Brasil.

Semelhanças e singularidades

Tanto o *Tapajós de Fato*, na região Norte, quanto o *Viração*, na região Sudeste - embora situados em contextos territoriais distintos - revelam estratégias convergentes de educação como prática formativa, crítica e emancipadora. Ambos constroem sentidos coletivos, promovem protagonismo local e articulam saberes populares e juvenis diante dos impactos da emergência climática. Ou seja, ajudam a promover o pensamento crítico e estimulam a participação da comunidade no debate sobre os impactos relacionados ao tema não apenas como meros coadjuvantes, mas como participantes de um debate que precisa ser feito.

Diversos movimentos socioambientais no Brasil têm adotado práticas educacionais como forma de resistência à instrumentalização e superexploração de vidas humanas e não humanas, fortalecendo um olhar ético e interdependente sobre os territórios e seus habitantes (BRIANEZI & TATE 2025). Os coletivos *Tapajós de Fato* e *Viração* são exemplos destes movimentos. Eles, assim como outros que existem no Brasil e no mundo, podem ser compreendidos também à luz de estudos de Maria da Glória Gohn (2011) sobre os novos movimentos sociais que se organizam não apenas em torno

de pautas econômicas, mas também de causas identitárias, ambientais, educativas e culturais. Ao adotarem práticas educomunicativas fortalecendo a mobilização comunitária frente à emergência climática, eles se consolidam como expressões contemporâneas de resistência e transformação social. Eles atuam em rede, mobilizam em torno das causas ambientais e culturais e desenvolvem sujeitos sociais capazes de resistir à exclusão e reivindicar inclusão e justiça climática. Sobre isso, Gohn (2011) afirma que

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede (GOHN 2011: 47).

As práticas desenvolvidas pelos coletivos *Tapajós de Fato* e *Viração* exemplificam como a educomunicação pode se materializar em ações concretas voltadas à formação crítica e à mobilização comunitária frente à emergência climática. No caso do *Tapajós de Fato*, a produção de podcasts, cartilhas ilustradas e oficinas de escuta com comunidades ribeirinhas tem como objetivo traduzir temas complexos, como licenciamento ambiental, transição energética e justiça climática, em uma linguagem acessível e territorializada. Essas ações não apenas informam, mas promovem o reconhecimento do território como espaço de disputa e resistência.

Já o *Viração* desenvolve metodologias participativas voltadas ao protagonismo juvenil, como a plataforma *Agência Jovem de Notícias*. Com a orientação da equipe de comunicação e educação do coletivo, jovens produzem notícias para o portal online da agência, cobrindo pautas da atualidade a partir de seus olhares e experiências.

Em ambos os casos, os coletivos não se limitam a informar: eles constroem pontes entre saberes locais e saberes acadêmicos, promovem processos formativos, criam redes e potencializam vozes que historicamente foram silenciadas. Ou seja, trabalham espaços de escuta, diálogo e mobilização social — pilares fundamentais da educomunicação — contribuindo para a apropriação crítica do conhecimento sobre mudanças climáticas pelas populações historicamente marginalizadas.

Sob a perspectiva de Gohn (2011), essas práticas refletem características centrais dos novos movimentos sociais, que se organizam a partir de causas ambientais, culturais e identitárias, atuam em redes e constroem ações coletivas voltadas à transformação social. Sendo assim, *Tapajós de Fato* e *Viração* não somente comunicam, mas ajudam na formação e mobilização, o que reafirma a importância da educomunicação como estratégia em contextos de maior vulnerabilidade sobre o tema.

Considerações finais

Diante do cenário de agravamento da crise climática e da persistente desigualdade no acesso à informação e à participação política, a educomunicação se apresenta como uma estratégia potente para o fortalecimento da cidadania ambiental e para a construção de uma cultura de engajamento crítico em territórios vulnerabilizados. Mais do que transmitir dados sobre mudanças climáticas, trata-se de construir sentidos coletivos, gerar pertencimento e fomentar o protagonismo das comunidades diretamente afetadas pelos impactos socioambientais.

A análise dos coletivos *Tapajós de Fato* e *Viração* demonstrou como diferentes formas de atuação educomunicativa — seja em contextos rurais amazônicos ou urbanos periféricos — podem contribuir para a formação de sujeitos sociais críticos e mobilizados. Suas práticas, baseadas no diálogo, na escuta ativa e na valorização de saberes locais, refletem a concepção de novos movimentos sociais evidenciando a capacidade desses grupos de resistirem à exclusão, construir redes e ampliar os espaços de participação democrática.

Assim, as experiências analisadas neste artigo demonstram que a educomunicação é muito mais do que uma estratégia metodológica: trata-se de uma prática política, pedagógica e territorial que contribui para a formação de sujeitos críticos e engajados frente à emergência climática. Ao atuarem com base no diálogo, na escuta ativa e na valorização dos saberes locais, coletivos como *Tapajós de Fato* e *Viração* exercem uma comunicação que transforma, fortalece identidades e ativa redes de solidariedade e resistência.

Essas iniciativas ilustram o potencial dos novos movimentos sociais em seu papel educativo e mobilizador, como propõe Maria da Glória Gohn (2011), articulando causas ambientais, culturais e democráticas com práticas comunicativas emancipatórias. A atuação desses coletivos também revela a urgência de políticas públicas que reconheçam e apoiem essas práticas, garantindo condições para sua ampliação e sustentabilidade nos territórios.

Para a pesquisa em comunicação e educação, o aprofundamento da análise de experiências como essas pode iluminar caminhos alternativos de produção de sentido, pertencimento e justiça climática. Em tempos de crise ecológica e informacional, comunicar para transformar é, mais do que nunca, um ato de resistência e de esperança.

Referências

BRIANEZI, Thaís & GATTÁS, Carmen (2023). A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável, *Revista Alaic — Comunicação para o Desenvolvimento Sustentável*, n. 33: 33–42.

BRIANEZI, Thaís & TATE, Joanne Christine Marras (2025). “Fighting for climate environmental education in Brazil: educommunicative perspectives against the instrumentalization of human and nonhuman lives”, *Sec. Science and Environmental Communication*, Volume 1. DOI:| <https://doi.org/10.3389/fcomm.2025.1538492>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/communication/articles/10.3389/fcomm.2025.1538492/full> Acesso em: 29/07/25

DATAFOLHA & TEREOS (2025). “Mudanças climáticas ainda são desconhecidas por 34% dos brasileiros, aponta pesquisa promovida pela Tereos”, *Exame*, 4 fev. Disponível em: <https://exame.com/esg/34-dos-brasileiros-desconhecem-as-mudancas-climaticas-e-seus-efeitos-diz-datafolha/> Acesso em: 29 jul. 2025.

FOER, Jonathan Safran (2020). *Nós somos o clima: salvar o planeta começa no café da manhã*. Editora Rocco.

FREIRE, Paulo (1983). *Educação como prática de liberdade*. 14ª. Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FUNDO BRASIL (2023). “Coletivo de Comunicação Popular Tapajós de Fato”, *Fundo Brasil*. Brasília. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/coletivo-de-comunicacao-popular-tapajos-de-fato-2/> Acesso em: 29 jul. 2025.

GOHN, Maria da Glória (2011). *Movimentos sociais e redes de mobilização civil: novos espaços de participação política*. São Paulo, Loyola.

IPCC — INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (2023). *Sixth Assessment Report — Synthesis Report (AR6)*. Geneva: IPCC. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/> Acesso em: 29/07/25.

KAPLÚN, Mario (1997). *Una pedagogía de la comunicación*. Quito, CIESPAL.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (2009). “Comunicação e sustentabilidade: uma conexão necessária”. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). *Planejamento de relações públicas na comunicação organizacional integrada*. 5. ed. São Paulo, Summus: 63–79.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling (2024). *Fundamentos teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa*. Vitória, ES, Edufes.

SOARES, Ismar de Oliveira (2011). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo, Paulinas

TAPAJÓS DE FATO.

Disponível em: <https://www.tapajosdefato.com.br/educacao>.

Acesso em: 29/07/25

VIRAÇÃO (2024). Agência Jovem de Notícias. São Paulo, 2024.

Disponível em: <https://viracao.org/programas/agencia-jovem-de-noticias/>

Acesso em: 29/07/25.

WMO — WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION (2024). *State of the Global Climate 2023*. Geneva: WMO. Disponível em: <https://wmo.int/publication-series/state-of-global-climate-2023>.

Acesso em: 29/07/25.

Sobre a autora

Leslie Beatrice Diorio é jornalista, mestranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde pesquisa a formação do profissional de comunicação para atuar no contexto da sustentabilidade. É consultora no Grupo Report, com atuação na elaboração e análise de relatórios com base em frameworks como GRI. Tem especializações em Gestão da Comunicação Empresarial (ABERJE) e Administração de Marketing (FAAP). Atuou como coordenadora de comunicação em multinacionais como *Johnson & Johnson* e *Avon*. Atua também como instrutora em cursos de comunicação ESG e gestão de crises na RPT EDU, braço de educação do grupo *Report*. Com experiência em docência na área de Comunicação Organizacional.